



PRIMEIRA PARTE

*O CADERNO DE NOTAS
DE ANNA MAGDALENA*

AS VISITAÇÕES I

Os lençóis colam-se ao meu corpo transpirado. Abro os olhos, cansado de tentar conciliar um sono que não chega.

Tento aconchegar-me no enxergão de palha, e com os pés descobertos, procuro alívio nas frias lajes do chão da cela.

Caminho até à parede norte, onde a pálida luz que espreita de fora indica a janela, por uma estreita fresta semelhante a uma ferida aberta nas costas de pedra do mosteiro de Saint Michel.

Por muito que desperte a minha consciência, não encontro nada que justifique este desvelo. Senhor, de manhã até à noite, cumpro com os deveres de um verdadeiro filho de Deus.

Quando tinha dez anos, o meu pai deixou-me ao Teu serviço, neste mosteiro, separado do mundo; e desde então para cá, não tenho feito outra coisa.

O caminho entre os ciprestes, com uma fileira de bancos, leitossos por causa do tímido resplendor que vem do céu, permanece imutável, fechado sobre si mesmo.

Contemplá-lo serena-me. Tenho a certeza de que foi sempre assim antes de eu nascer; e assim continuará, por muito tempo, depois da minha partida desta terra; isso infunde-me uma tranquilidade que nasce do *continuum*, da confiança na permanência. Nada tem que mudar. Ao fim e ao cabo, eu não sou mais do que um outro padre dominicano; um, entre as centenas que por aqui passaram.

Respiro profundamente e sinto a paz instalar-se de novo na minha alma desconcertada. Tranquilizo-me; e quando estou disposto a regressar ao meu leito de palha, tenho a sensação, um vislumbre, uma quebra na rotina da paisagem, que me obriga a concentrar a atenção no caminho pedregoso que ladeia os altíssimos ciprestes.

Não se vê ninguém; todavia adivinho o ruído dos passos que se aproximam. Três sombras passam pelo rectângulo da minha janela, e, sem me deter a pensar nisso, benzo-me, abro a porta do claustro, e, descalço, enfio pelo estreito passeio, iluminado por uma lanterna.

O meu coração bate com força, enquanto desço as escadas que dão acesso ao jardim.

Instintivamente evito o carreiro ermo, e avanço em direcção ao lugar onde vislumbro, dirigirem-se para mim, três misteriosas sombras. Mas será que as vi mesmo? Provavelmente, terá sido uma simples visão causada pelas noites de insónia.

Disposto a recomeçar o percurso feito, inclino-me para recobrar fôlego e acalmar a arritmia do meu coração.

O inconfundível eco das variadas vozes faz-me conter o alento.

Não compreendo o que dizem, mas é evidente que discutem. Com o máximo cuidado, avanço até que as vozes se apressam uma após outra, para se tornarem audíveis.

— Irmãos, não sei do que me falam; isso passou há já muito tempo. Dediquei estes anos a limpar a minha alma e os meus membros das pegadas desse opróbrio.

— Está a fazer-se rogado, padre Le Maistre. Pagou um preço elevado pela sua tonsura.

— Sua Eminência manda dizer que, se o senhor lhe entregar os papéis, ele se encarregará de lhe proporcionar melhores condições nos seus últimos anos de vida.

— Irmão Courcelles, transmita a Sua Eminência que está equivocado. Diga-lhe que eu não tenho papéis nenhuns. Há já quase vinte anos, ele próprio os queimou na minha presença.

— No entanto, irmão Le Maistre, tendo em conta a gravidade da situação, e em nome da Santa Madre Igreja, seria saudável que recordasse onde e a quem entregou os apontamentos. Pense no que nos pode acontecer. Não é questão de andar com rodeios. Não lhe parece?

— Não insista, irmão Beaupère. Equivocámo-nos uma vez; no entanto, nunca mais acabamos de pagar o preço de semelhante infâmia. Não vê que já ofendemos demasiado a Deus, para merecer a eterna condenação das nossas almas? Será que nunca nos cansamos da ambição e da vaidade?

» Diga a Sua Eminência que agradeço do fundo do coração o que me confirmou neste mosteiro. Aqui aprendi o que significa ser um verdadeiro homem de Deus. Aqui compreendi o verdadeiro sentido das seguintes palavras de Jesus: “Não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo”.

A penumbra não me permite ver claramente; apenas distingo os contornos das três figuras; mas pelo tom da voz do padre Jean Le Maistre, adivinho que sorri com amargura.

Benzo-me, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Deus Todo-poderoso, de onde vem esta voz? Engulo em seco, para aliviar este aperto que trago na garganta.

— Vamos lá, irmão Jean! Para que é que quer guardar uns papéis que não lhe servirão de nada? Não vê que não pode sair daqui; nem pode executar qualquer movimento sem o nosso acordo?

— Sim, bem sei. Sei que me vigiam dia e noite; sei que espiam até os meus pensamentos; mas irmãos, nada disso me importa já. Há muito tempo que já não estou aqui.

» Lamento que regressem com as mãos vazias. Estou velho e acabado; careço de ambições terrestres. Quero dedicar o alento que me resta à oração pelo perdão dos meus pecados e pela salvação das nossas almas, incluindo também a de Sua Eminência.

A voz do padre Jean Le Maistre destila arrependimento.

— Irmão Courcelles, irmão Beaupère, por minha parte não tenho mais nada a acrescentar. Podem retirar-se. Vão com a bênção de Deus, se é que ainda é possível.

— Padre Le Maistre, desta vez não vamos, mas acredite que terminamos. Sua Eminência não está disposto a correr qualquer risco.

As duas sombras encapuçadas começam a afastar-se; e, do meu esconderijo, vislumbro que a figura do padre Jean Le Maistre se dobra lentamente; e à semelhança de uma folha arrancada pelo vento, cai suavemente sobre a gravilha, diante do banco em que estive sentado.

Meu Deus! Que faço? Hesito entre o aproximar-me da figura jacente do padre Jean e o desaparecer rapidamente dali. Vacilo entre o dever e o instinto de conservação.

Encomendando-me ao Senhor dos Céus, opto por cumprir com os votos que fiz há apenas um ano.

Com a prudência que o medo me dita, carrego o famélico corpo do padre Jean nos meus braços, e, sem esquecer os meus pés descalços, dirijo-me para o interior do mosteiro.

Terei que atravessar intermináveis corredores e passadiços antes de chegar com aquele peso ao pequeno cubículo onde Jean Le Maistre, antigo prior da Ordem dos Dominicanos de Ruan, se fixou, a meu ver, desde tempos muito antigos.

Durante o percurso, o ancião não diz uma palavra, nem faz o mínimo movimento; a sua calma é tanta que chego a pensar que transporto um cadáver. Todavia, ao depositá-lo sobre o seu leito, ele queixa-se e dirige-me um olhar carregado de angústia.

— Ah! És tu, padre Henri de Voulland?! Como é que cheguei até aqui?

— Sim, sou eu, padre Le Maistre. Mas não se preocupe. Não vejo nem oiço mais nada.

— Isso quer dizer que tu viste e ouviste, não é verdade?

— Bom, creio que Deus assim o quis. Padre, sinto-me apanhado em falta. Não conseguia dormir; vi-o passar com os outros e segui-os. Na verdade, creio que foi a vontade de Deus.

— Irmão Henri, conheço-te desde que chegaste aqui, ainda não passavas de uma criança meio assustada. Sei que dizes a verdade.

— Padre Jean, eu não entendo nada daquilo que sucedeu; e, se o padre mo ordenar, estou pronto para esquecer tudo; porém, se o puder servir em alguma coisa, se há alguma coisa em que o possa ajudar, basta que mo diga.

— Meu filho, poderias com isso arranjar sérios problemas. Basta que se apercebam de que escutaste essa conversação para que estas terras deixem de ser um lugar seguro para ti. Agora deixa-me descansar; estou esgotado.

» Pensa nisso; e se amanhã persistires na tua vontade de me ajudar, podes vir ver-me. Vai e, por amor de Deus, que ninguém te veja entrar ou sair deste quarto. Nunca nos devem ver juntos.

Jean Le Maistre exala um profundo suspiro e vira a cara para o lado da parede.

Retrocedo em bicos de pés até à porta de saída. Tacteando, tento agarrar o ferrolho, e rígido e petrificado, escuto o ruído de uns pés tão descalços como os meus, que se afastam a toda a pressa, ao longo do corredor até à ala este, do mosteiro.

Assustado, como é óbvio, porque não estou habituado a tantas emoções e sobressaltos, espero o momento em que me parece prudente retirar-me para a quente segurança da minha cela.

De joelhos diante da imagem do Redentor Crucificado, esforço-me por ordenar os acontecimentos. Não encontro explicação lógica para o sucedido. No entanto, a intuição diz-me que se trata de algo de tal maneira grave que escapa à minha humilde compreensão.

Sei que nada volta a ser como dantes. Aliás, estou tão pouco habituado a esforços físicos que não há parte nenhuma do meu corpo que não se queixe. Até as gengivas me doem. Não sei que horas são; mas já deve passar muito da meia-noite.

Porque não encontro respostas satisfatórias, resigno-me, faço três vezes o sinal da cruz, encomendo-me à imagem dolorosa do Filho de Deus coroado de espinhos e dirijo-me ao lugar onde se encontra o meu leito. Provavelmente, quem sabe, poderei conseguir algumas horas de desvelo.

Pouco a pouco vou deixando tombar o meu atormentado corpo sobre a palha. Subitamente, invade-me um sabor tão doce e tão sereno que me sinto elevado aos céus pelas amorosas mãos do próprio Deus.

Elevo-me. Subo até às alturas que ninguém pode imaginar. Chego a ponto de penetrar no Paraíso, no momento em que um golpe na porta da minha cela, fazendo estremecer o meu estômago, me desperta para a realidade. Deus Misericordioso! Aí fora, na rua, alguém tenta abrir a minha porta.

O CADERNO DE NOTAS
DE ANNA MAGDALENA II

O sobressalto faz com que me encolha na cama. A música deixou de tocar. Apenas a frouxa luz esverdeada da aparelhagem paira palidamente no meu quarto.

Tento encontrar o lugar em que o seu corpo deve estar deitado, e apenas encontro cálidos vestígios.

— Que é que te aconteceu agora?

Oiço a sua voz pouco sociável, proveniente dos lados da cozinha.

— Nada de especial. Eu é que tive desses sonhos insólitos.

— Que fazes?

— Como não podia dormir, vim fumar um cigarro. Porque perguntas? Incomoda-te?

— Não, não. Não me incomoda nada.

De novo nos invade um silêncio tão rígido, tão compacto que se podia cortar à faca.

Apono com o dedo indicador uma luz ciclópica situada a poucos centímetros do leito e primo o botão. Um movimento que eu conheço de memória. Aguardo um momento até que as lentas notas do barroco ganhem o pulso ao escabroso silêncio.

Os ferros da cama gemem com o peso horizontal; e, desta vez, é a sua mão que procura a minha, apertando-a. Da sua boca escapa um suspiro, espasmódico como o jacto de água de uma baleia que decide deixar-se morrer à beira-mar.

— Mas, o que é que te aconteceu? — pergunto, escolhendo cuidadosamente o tom e as flexões da minha voz.

— Não sei.

— Mas eu sei. Creio que tu não me queres; que já não gostas de mim.

— Claro que gosto de ti e te amo muito. Mas, agora pensa em dormir, anda.

Vira-se e abraça-me mantendo uma pequena distância, ou seja, uma distância que evite roçar-se por mim ou de forma a evitar o contacto das partes em conflito. Mas abraça o estritamente necessário, para não dar lugar a equívocos, submetendo as zonas eróticas a um trecho prudente. Isto, em metalinguística, significa: só ternura. Desta

forma me acocoro feliz junto ao seu corpo como um gato, com a barriga cheia, ao calor da lareira.

— «Tudo o que não é amor é medo. E o amor e o medo não podem coexistir. Um expulsa o outro. Não se pode amar e temer ao mesmo tempo. Grita-se por medo; mente-se por medo; mata-se por medo. Ninguém liga aos meios que utiliza para executar qualquer acção sob a influência de um amor desenfreado e descontrolado, ou dum medo angustiante e feroz.»

— Eu não tenho medo de nada, — diz, empertigando-se.

— Apenas estou a ler...

— Então lê em voz baixa.

A sua respiração começa a ranger, primeiro com suavidade, depois, ao ritmo do tiquetaque dos segundos do relógio, o rugido aumenta repleto de queixas que são de lastimar.

Move pés e braços, como se manejasse um rastro cheio de rezes ansiosas porque sabem que o seu destino final é o matadouro.

Coloco o *Manual do Mestre* junto aos óculos, para ver mais de perto o caminho de linóleo, e mergulho fundo, em busca da segura estação do meu peito. Procuro a sua protecção.

No meio do seu sonho de colcheias e fusas brancas e negras, Johann Sebastian Bach nem sequer imagina as atormentadas noites que chicoteiam Anna Magdalena que, pela vigésima vez, nesta eternidade, destroça as suas asas contra os finos barrotes da sua gaiola de música.

Como quem ouve chover fora da janela, sinto um insistente raspar na madeira da porta. Alguém tenta entrar no quarto. Talvez seja Brandy, o decrepito Golden Retriever, a pedir que o tirem do pátio. Mas, a esta hora?

Um enorme calafrio percorre a minha espinha dorsal. Cerro as pálpebras com fúria enquanto repito: “Tudo o que não é amor é medo. O irreal não existe. O real não é ameaçador”. E repito isto, até que o cansaço e a monocórdica cadência desta manta me embotam os sentidos.

VISITAÇÕES II

Suo abundantemente acorrido debaixo do grosseiro tecido da manta. Não me atrevo a abrir a porta. Com a alma nas mãos, espero que, de um momento para o outro, o demónio assustador entre na minha cela e me salte em cima, espetando-me o terrível tridente.

Tenho os maxilares tão apertados que “os credos, as ave-marias e os padres-nossos” saem da minha boca triturados.

Porquê? Quem me mandou ser tão curioso? Eu nunca devia correr atrás daquelas sombras. É verdade. Bem o sei. A curiosidade é um pecado. E agora pago o preço de não ter resistido à tentação.

Estou tão decepcionado, tão revoltado neste nauseabundo pânico, que tardo em aperceber-me de que já não oiço o ruído. Sereno, por momentos, a minha mente; e não se ouve nada. Seja o que for, já não parece interessado em entrar no meu espaço.

Demoro a deitar-me. Gatinhando como um bebé, aproximo-me da porta. Encosto, o melhor possível, a orelha à madeira; mas não oiço nada.

Dirijo-me cautelosamente e desando os ferrolhos, abro e lanço primeiro o pé direito, levanto lentamente o pé esquerdo. Avanço com um passo tímido até ficar coberto pela sombra.

Não se vê ninguém no corredor. Decido retroceder até ao meu enxergão; ao colocar as mãos sobre as pedras frias da parede, os meus dedos tropeçam num pequeno papel encaixado numa das frestas, que a devastadora humidade e o inexorável desenrolar dos séculos gravaram no muro.

Hesito entre meter-me de novo na cama e a curiosidade de ver o conteúdo do manuscrito. Mas, para mal dos meus pecados, a curiosidade é mais forte, e acendo a vela de sebo que tenho sobre a mesa.

Estou excessivamente nervoso e assustado. Aconteça o que acontecer, aquela mensagem foi introduzida na fresta da parede; não fui buscá-la. Certamente a vontade de Deus é que eu conheça o seu conteúdo. Não, não devo estar a cometer nenhum pecado.

...

A minha cela é pequena. Apenas tem espaço para a minha pobre cama rectangular, para a mesinha de cabeceira, para a bacia das abluções matinais e para um genuflexório ao lado da janela, por baixo de um crucifixo de madeira com a magnífica imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, tão comovente que, frequentemente, passo, com toda a delicadeza, os dedos sobre as feridas, para ver se sangram.

Olho para todos os lados, agacho-me e verifico debaixo da cama. Senhor, tenho medo que o demónio se instale no meu quarto, me espie com olhos de fogo, e termine devorando-me eternamente com o fogo do inferno.

Escritas em papel, com o pulso a tremer e a toda a pressa, umas quantas palavras amontoam-se, sem que, nesse instante, me aperceba do seu significado.

«Padre Henri: não temos muito tempo; os meus dias estão contados e é vital que, além de mim, alguém saiba onde se escondeu o meu tesouro mais apreciado, o motivo pelo qual fiquei limitado. Saiba, irmão, que não está obrigado a actuar. Não tem mais obrigação do que aquela que emana da sua consciência.

» Se decidiu fechar os olhos e esquecer o que viu e ouviu, basta rasgar a carta. Se opta pelo caminho da justiça, venha ver-me esta noite; mas já de madrugada. Fixe bem o mapa que anexo e depois destrua-o. Em nome de Deus Nosso Pai, e de Jesus Nosso Redentor, sinto-me no dever de pedir-lhe discricção, seja qual for o caminho que escolha.

» Não será de mais recordar-lhe o grande risco que corre, pelo que deve permanecer vigilante; qualquer precaução que tome nunca é suficiente.

» Rezarei por si, para que Deus lhe dê o discernimento e a coragem necessários. Ámen.

» J. Le Maistre. OP.

Tal como me pede o padre Jean na sua enigmática carta, vou fixar o texto e o plano até que o possa repetir com os olhos fechados sem qualquer esforço; e depois, vou aproximá-lo da tremeluzente chamazinha da lâmpada da noite. Vou deixar que arda até que fique apenas um acinzentado montículo de cinzas que transportarei, apertadas na palma da mão, até à estreita janela do meu cubículo.

Estendendo os dedos, permitindo que o ar espalhe todas as partículas.

Lá fora, despontam os primeiros raios da aurora. Tal como to-

dos os dias, desde que me lembro, as sinetas tocam para a reza de “matinas”.

Tenho muito que fazer e muito em que pensar.

Como um autómato, cumpro as rotinas do dia-a-dia. Creio que não sou suficientemente sincero nas minhas orações. Por isso, Pai Misericordioso peço-Te perdão, não tenhas em conta os meus desvarios. Tu melhor do que ninguém conheces as minhas fraquezas. Peço-Te mais uma vez que esqueças estas misérias. Não sei, mas talvez Te tenhas equivocado, ao escolher-me, precisamente a mim, como Tua testemunha. Não me leves a mal. Tu sabes bem o que fazes e com que finalidade o fazes. Miserável de mim! Não sou eu quem deve questionar o porquê das Tuas opções.

— Atenção, padre Henri, olhe por onde anda. Quase me atropela.

— Perdoe-me, padre Antoine.

— Que se passa consigo, padre Henri? Parece muito debilitado e mais distraído do que o costume.

Os olhos de coruja do padre Antoine examinam-me com ar malévolos. Tentam penetrar no meu interior. Não gosto deste padre frouxo e corcunda, com o nariz de gancho e olhos de salteador. Parece que uma mão invisível lhe apertou definitivamente o descarnado pescoço debaixo do capuz. Além disso, tem o condão de mover-se como um fantasma que aparece onde menos se espera.

Todos os monges do mosteiro de Saint Michel temem as suas palavras mordazes. O padre Antoine fala articulando sons sibilantes e deixa escapar um ciciar semelhante ao de uma serpente que se enrosca capturada pelo bico de uma águia.

A astúcia e velhacaria do seu rosto provocam-me cócegas na boca do estômago.

Há algo na sua expressão que me diz “não acredites que não sei onde andas, pequeno padre Henri. Tem muito cuidado”.

— Deve ser o calor. Obrigado por se preocupar comigo, padre Antoine.

Prossigo o meu caminho, procurando ter mais cuidado. Isto não é coisa para se andar a levantar suspeitas.

O dia parece que nunca mais acaba; e quando se ouvem as sinetas a tocar o recolher, dirijo-me para a parte sul do mosteiro, onde se encontra a cela do padre Jean Le Maistre.

Passo bastante tempo escondido no desvão de uma das escadas,

até que tenha a certeza, segundo o costume, de que todos os monges tenham entrado nos seus quartos.

Dirijo-me em bicos de pé até à porta. Primeiro bato várias vezes. Depois, bato com mais força. Não obtenho resposta. É então que, pelo reflexo, coloco as mãos na madeira e empurro.

A porta está besuntada com uma substância húmida e viscosa. Deve ter sido o monge encarregado de trazer a ceia, que, por distração, entornou o guisado. Sem me sentir muito revoltado, limpo as palmas das mãos às badanas do hábito.

A candeia permanece acesa sobre a mesa provocando um aspecto tremeluzente. Avanço até ao busto que está projectado na parede sobre o enxergão.

— Padre Jean, padre Jean...

Não se mexe. Inclino-me sobre o seu corpo para o voltar e, Santos do Céu! Os olhos vidrados do padre Le Maistre fixam-se em mim sem me ver, dando-me a impressão de ser o seu último gesto.

A cabeça descaída para trás, permitindo um enorme espaço, que dá a impressão de dividir o pescoço em dois.

Está morto. Assassinaram o padre Jean Le Maistre; e os joelhos negam-se a aguentar-me de pé.